

ANÁLISE DO DISCURSO HOMOFÓBICO EM PÁGINAS NO INSTAGRAM SOB UMA PERSPECTIVA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA

Hemerson Brenner de Souza Silva

(Universidade de Pernambuco)

Claudia Assad Alvares

(Universidade de Pernambuco)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Hemerson Brenner de Souza Silva é Graduado em Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina e Mestrando em Estudos Linguísticos (UEFS/PPGEL) E-mail: hemerson.brenner@upe.br

Claudia Assad Alvares é Doutora em Filologia e Língua Portuguesa, Prof.^a Adjunta do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco Campus Petrolina. E-mail: claudia.alvares@upe.br

RESUMO	ABSTRACT
Este estudo tem por objetivo, analisar como a homofobia ¹ é manifestada, disseminada e naturalizada na internet, considerando as variações semânticas que permeiam os discursos e as formas pelas quais os indivíduos empregam a linguagem para expressar preconceitos e discriminação contra a comunidade LGBTQIAPN+. São abordadas as contribuições teóricas de Erving Goffman, J. L. Fiorin e Gregory Bateson. Goffman (2021) discute o conceito de estigma e como a sociedade categoriza as pessoas e estabelece normas que favorecem alguns grupos em detrimento de outros. Fiorin (1998) explora as relações entre linguagem e ideologia, bem como argumenta que a linguagem é veículo de ideologias e molda os discursos de acordo com as determinações ideológicas da sociedade. Gregory Bateson (1972) enfatiza a importância do contexto na compreensão dos enunciados e ações, ao introduzir	This study aims to analyze how homophobia is manifested, disseminated and naturalized on the internet, considering the semantic variations that permeate speeches and the ways in which individuals use language to express prejudice and discrimination against the LGBTQIAPN+ community. The theoretical contributions of Erving Goffman, J. L. Fiorin and Gregory Bateson are addressed. Goffman (2021) discusses the concept of stigma and how society categorizes people and establishes norms that favor some groups over others. Fiorin (1998) explores the relationships between language and ideology, as well as arguing that language is a vehicle for ideologies and shapes discourses according to the ideological determinations of society. Gregory Bateson (1972) emphasizes the importance of context in understanding utterances and actions, by introducing the concept of communicative frames and comparing them to the

¹ Embora neste trabalho se utilize prioritariamente o termo *homofobia*, para fins de recorte metodológico e analítico reconhece-se que a violência e o preconceito abordados não se restringem às experiências de homens que se relacionam com outros homens. Os discursos discriminatórios incidem sobre toda a comunidade LGBTQIAPN+ e afetam-na de maneira estrutural e sistêmica. Assim, é importante destacar que a homofobia deve ser compreendida como parte integrante da *LGBTfobia*, termo mais amplo e adequado para designar as diferentes formas de preconceito e exclusão que atravessam corpos e identidades dissidentes. A delimitação terminológica adotada neste artigo visa apenas ao recorte analítico, sem desconsiderar que os achados e as interpretações são plenamente válidos e aplicáveis a toda a comunidade LGBTQIAPN+.

o conceito de enquadres comunicativos e compará-los à moldura de um quadro, que define o que é relevante para a análise. A pesquisa é de natureza explicativo-descritiva e de cunho qualitativo. Trinta e cinco comentários foram selecionados e analisados à luz das teorias estudadas para identificar e categorizar os implícitos relacionados à homofobia. A análise revelou a influência da ideologia na disseminação de estigmas e na formação do discurso coletivo online, o que reforça a necessidade de leis eficazes contra comentários homofóbicos nas redes sociais.	frame of a picture, which defines what is relevant for analysis. The research is explanatory-descriptive in nature and qualitative in nature. Thirty-five comments were selected and analyzed in light of the theories studied to identify and categorize the implicit comments related to homophobia. The analysis revealed the influence of ideology in the dissemination of stigmas and the formation of collective discourse online, which reinforces the need for effective laws against homophobic comments on social networks.
--	---

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Linguagem; Análise do Discurso; Ideologia e Redes Sociais; Estigma; Homofobia.	Language; Discourse Analysis; Ideology and Social Media; Stigma; Homophobia.

INTRODUÇÃO

A homofobia, como fenômeno social, é atravessada por ideologias que estruturam os discursos e moldam as interações cotidianas, tanto em espaços físicos quanto digitais. As redes sociais, em especial o Instagram, têm se consolidado como um espaço privilegiado de manifestação e circulação de discursos de ódio, os quais se naturalizam e ganham legitimidade por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários que reverberam preconceitos já enraizados socialmente.

Nesse contexto, a presente pesquisa buscou analisar trinta e cinco comentários extraídos do Instagram, distribuídos em três enquadres principais: religioso, desinformação e redirecionamento. Essa categorização mostrou-se estratégica para evidenciar como a homofobia se expressa sob formas explícitas ou implícitas, frequentemente mascaradas de opinião, de humor ou de defesa de valores tradicionais.

A quantidade de curtidas em determinados comentários funcionou como um indicador de adesão coletiva, reforçando a ideia de que tais discursos não circulam de maneira isolada, mas são validados e fortalecidos pelo engajamento de outros usuários.

A análise fundamentou-se em autores como Goffman (2021), que discute o estigma e a marca social que inferioriza grupos marginalizados; Fiorin (1998), que demonstra a relação intrínseca entre linguagem e ideologia; e Bateson (1972), que introduz a noção de enquadres comunicativos, que permite compreender como o contexto redefine sentidos. A aplicação dessas teorias ao corpus revelou que os comentários analisados não apenas reproduzem preconceitos individuais mas fazem parte de uma lógica discursiva mais ampla, que sustenta o preconceito estrutural contra pessoas LGBTQIAPN+.

A escolha do Instagram como espaço de análise se justifica pela centralidade que essa rede ocupa na vida social contemporânea, bem como por seu caráter público e massivo, o que a torna terreno fértil para observar o nascimento, a circulação e a naturalização de discursos discriminatórios. Dessa forma, a pesquisa contribui para preencher uma lacuna na literatura ao articular perspectiva semântico-pragmática e análise do discurso homofóbico online, a fim de revelar como as estratégias linguísticas utilizadas nos comentários sustentam ideologias de exclusão.

A pesquisa em questão centrou-se na análise de comentários homofóbicos em postagens do Instagram, a partir de uma metodologia explicativo-descritiva de cunho qualitativo, e teve como embasamento teórico as obras de: Goffman (2021), que trata do estigma social; Fiorin (1998), que discorre sobre linguagem e ideologia; e Bateson (1972), que teoriza sobre as molduras e os implícitos, que geram paradoxos quando transitam em diferentes níveis de linguagem. O estudo buscou compreender e analisar como a homofobia é manifestada, disseminada e naturalizada na internet. Dois questionamentos essenciais nortearam a pesquisa: (1) como o estigma influencia o discurso e o comportamento das pessoas e de que maneira isso se reflete nos comentários homofóbicos nas redes sociais? (2) qual é a relação entre linguagem, ideologia e perpetuação de discursos homogêneos e como isso se manifesta nos comentários analisados?

Através da aplicação dessas teorias na análise dos comentários, o estudo possibilitou explicar as conexões entre as dimensões da fala explícita e os implícitos que complementam e adicionam mais informações ao que é dito. Atingiu-se, assim, o objetivo proposto, com o entendimento da influência dos implícitos para perceber as reais intenções comunicativas dos comentários veiculados no Instagram, rede social da qual se retiraram os comentários.

A conclusão do estudo destacou a importância de considerar essas conexões para uma compreensão mais profunda da homofobia online e suas implicações sociais, bem como ressaltou a necessidade de medidas eficazes para combater esses comportamentos homofóbicos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. ERVING GOFFMAN: ESTIGMA

O estigma seria uma “marca” que diferencia uma pessoa da outra; aqui, essa “diferenciação” pode ser entendida como uma forma de seleção, exclusão ou condicionamento. A depender do que seja sua “marcação”, uma pessoa pode ser extremamente favorecida² em alguns aspectos, como é o caso do homem, branco, hétero, cis³, de classe média ou alta, ou não, como é o caso da mulher trans, não *passável*⁴, preta, favelada e que foi condicionada à prostituição por carregar o estigma de ser uma pessoa

² Sugestão de leitura: BOURDIEU, 2012. TOKUNDA, André Masao Peres. *Masculinidades e psicologias nos trabalhos com grupos de homens autores de violências contra mulheres*, 2021.

³ Cisgênero (Cis) é o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascença”. Em outras palavras, na pessoa cisgênero a identidade de gênero (a forma como a pessoa se vê) corresponde ao gênero que lhe foi conferido ao nascer, ou seja, ao gênero do seu nascimento. [Grifos nossos]. **Fonte:** Disponível em: <https://www.significados.com.br/cisgenero/>. Acesso em: mar. 2024.

⁴ *Passável*: Keila Simpson, presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), define a *passabilidade* como “passar despercebido pela multidão”. De acordo com ela, “algumas pessoas trans conseguem andar livremente sem deixar evidente a própria transgeneridade. **Fonte:** Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-04-08/passabilidade-trans-o-que-e.html>. Acesso em: mar. 2024.

que foge do que até então é considerado *norma*, que, segundo Goffman, é determinada pela sociedade, responsável por essa categorização.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias; os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de ser encontradas neles (Goffman, 1981). Inevitavelmente, dentro das nossas rotinas sociais, há uma interação com pessoas que pertencem a outras classes e são de outros grupos sociais; o autor fala que isso nos possibilita uma relação com essas “outras pessoas” (Goffman, 2021, p. 5) e que inicialmente não há uma reflexão profunda sobre o outro. O autor define como “preconcepções” tudo o que é necessário para ser validado durante a análise do outro; como exemplo, se a vestimenta está de acordo, ou suas falas, seu círculo social etc. Goffman descreve vários casos de pessoas estigmatizadas, faz um compilado de situações e, a partir dessas análises, argumenta:

Sentimos que o estigmatizado percebe cada fonte potencial de mal-estar na interação, que sabe que nós também a percebemos e, inclusive, que não ignoramos que ele a percebe. Estão dadas, portanto, as condições para o eterno retorno da consideração mútua que a psicologia social de Mead nos diz como começar, mas não como terminar (Goffman, 2021, p. 19).

Ou seja, as situações de interação entre os estigmatizados e os “normais” (não estigmatizados) são percebidas por ambas as partes e, a partir disso, são estabelecidas interações diversas, boas ou ruins, já que são pessoas de situações sociais mistas (Goffman, 1981). Goffman estabelece os fundamentos de sua análise ao mencionar que seus dados de pesquisa derivam de seu estudo em um hospital psiquiátrico nas Ilhas Shetland, da análise de manuais de etiqueta e de um arquivo pessoal. A escolha de se concentrar nos ambientes públicos é justificada pela liberdade de acesso que esses locais oferecem a todos os membros da comunidade, ao contrário dos espaços privados, onde a interação se limita a convidados específicos para ocasiões sociais particulares. Além disso, os lugares públicos possibilitam encontros entre pessoas desconhecidas⁵. De certa forma, os espaços públicos compartilham determinadas normas de conduta que guiam as interações sociais.

A noção de “encaixe” está intrinsecamente ligada ao *ethos* ou ao “espírito da situação” compartilhado pelos participantes. Em cada ocasião social, os indivíduos se comportam de acordo com as expectativas estabelecidas: evitam expor suas opiniões em excesso ou se retrair sem razão aparente.

Cada contexto social possui um *ethos* único, uma estrutura emocional própria moldada e mantida pelos participantes da interação. Goffman faz referência a Gregory

⁵ E aqui pode ser feita uma analogia com as redes sociais, já que são locais “públicos”, abertos para os usuários, como páginas públicas.

Bateson, que, em sua obra "Naven", define o *ethos* como os comportamentos específicos adequados para uma determinada ocasião social (o comportamento em um velório ou um hospital, por exemplo). Assim, percebemos como o corpo se torna um instrumento fundamental para a comunicação, moldado para reproduzir as regras sociais situacionais, que não são necessariamente morais, mas guiam as interações sociais⁶.

Mesmo quando não diretamente envolvidos em uma interação, os indivíduos comunicam sobre si mesmos e muitas vezes criam "escudos de envolvimento" (Goffman, 1981, p. 49) para ocultar comportamentos considerados socialmente negativos. O discernimento do indivíduo sobre os espaços onde certos comportamentos são aceitáveis é relevante para manter o decoro e o bom senso (por exemplo, o comportamento de um deputado em locais públicos em seus discursos). Goffman define *envolvimento* como a atividade que um ator realiza com um propósito específico. Existem regras sobre os tipos de envolvimento aceitáveis, bem como sobre a quantidade de envolvimento adequada para uma atividade. As ocasiões sociais representam momentos nos quais os indivíduos têm a oportunidade de se expressar e, para isso, é fundamental manter o controle sobre os possíveis engajamentos intensos, como um "direito de fala", mas que na verdade ofende a "liberdade de expressão", que nada mais é do que um discurso preconceituoso.

A análise sociológica dos engajamentos faciais entre os indivíduos, destacada por Goffman, é fundamental para pesquisas sobre movimentos sociais, outras entidades profissionais e suas normas. Nesta perspectiva, o indivíduo não é apenas um membro de um grupo social, ele também é visto através dos laços sociais que o ligam a uma organização social específica, com propósitos e fronteiras próprias. As regras de interação social não se limitam apenas às interações igualitárias mas também se aplicam aos papéis e às posições sociais ocupadas pelos indivíduos em interação. A ocupação profissional e o status social diferenciado podem influenciar os comportamentos públicos dos indivíduos e o desenvolvimento das interações. Goffman destaca que os indivíduos que não seguem as regras de civilidade são excluídos do convívio social e se tornam os seres demonizados e estigmatizados, em alguns casos, confinados em instituições como prisões e hospícios, ou centros de reabilitação, análise feita por ele em 1981, mas que perdura até os dias atuais. Essas pessoas estigmatizadas, por não demonstrarem respeito às normas sociais e não se adaptarem aos padrões de comportamento esperados em diferentes situações sociais, são excluídas dos grupos sociais. Ao contrastar as situações observadas em um hospital psiquiátrico, ele destaca como as situações sociais na sociedade ocidental são construídas e estruturadas pelos participantes, que compartilham o *ethos* da situação, seguem as regras de alocação e desempenham papéis sociais específicos.

⁶ Ainda sobre formas de interação social, Goffman aprofunda sua análise considerando interações desfocadas (sem comunicação verbal direta, apenas observação visual) e focadas (que compartilham um mesmo foco de atenção e desenvolvem conversas).

A seguir, será abordado como a linguagem e a ideologia participam na construção do ser estigmatizado, qual a participação delas na construção ideológica criada por meio da linguagem e, a partir disso, será obtida uma noção do ideal social que é imposto aos participantes de um coletivo, seja ele formal ou não, online ou em instituições públicas.

1.2 IDEOLOGIA, LINGUAGEM E REDES SOCIAIS

Segundo Fiorin (1998, p. 29), “a inversão da realidade é a ideologia”. O autor afirma que os linguistas desassociaram a linguagem da sociedade ao se firmarem como cientistas; a preocupação com a linguagem passou a ser interna, no nível estrutural das línguas naturais. Ou seja, não foram analisados os contextos sociais e as pessoas que fazem uso da linguagem. A intenção da análise no texto é não só verificar as determinações ideológicas dentro do enigmático sistema da linguagem mas também analisar como ocorre a veiculação com a ideologia, isto é, mostrar o que é ideologizado na linguagem (Fiorin, 1998). Fiorin busca dentro das análises de Marx e Engels, em *A ideologia alemã* (1932), o tema que faz a introdução de toda a pesquisa contida no livro, que é a linguagem, não ser uma realidade com autonomia porque tanto o pensamento como a linguagem demonstram aspectos da vida real. O autor deixa claro que sua intenção é verificar qual é o lugar da modelagem ideológica, ou o lugar das determinações ideológicas, para a formação discursiva das sociedades e, com isso, define que a linguagem está vinculada à ideologia, que, por sua vez, vai moldar os discursos.

O sistema compreende uma série de elementos dotados de uma organização interna, ou seja, apresenta uma estrutura definida. Esse sistema virtual e abstrato, que todos os falantes de uma língua conhecem, materializa-se de maneira tangível nos atos de comunicação verbal. Na materialização concreta do sistema, é fundamental distinguir entre discurso e fala:

o discurso são as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes para exprimir seus pensamentos, falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, agir sobre o mundo. A fala é a exteriorização psico-físico-fisiológica do discurso. Ela é rigorosamente individual, pois é sempre um eu quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso (Fiorin, 1998, p. 11, com adaptações).

O autor diz também que a sintaxe discursiva é responsável por compreender os processos de criação do discurso; o exemplo disso é o uso da primeira pessoa em alguns discursos, que traz o sentido mais subjetivo ou uma opinião isolada, diferentemente da primeira pessoa do plural que tem um sentido global e coletivo. Há uma tentativa de

distanciamento entre o discurso e a ação negativa praticada pelo outro, como se suas atitudes fossem isoladas e sem uma influência ideológica socialmente estabelecida por meio da linguagem.

A linguagem utilizada nas plataformas digitais reflete e reproduz as ideologias presentes na sociedade, além de influenciar ativamente a construção e a disseminação de discursos ideologicamente carregados de recortes sociais de raça, gênero, faixa etária, religião, região, escolaridade etc. Essas interações são permeadas por ideologias que moldam as percepções individuais e coletivas, bem como influenciam a formação de identidades, a construção de narrativas e a disseminação de valores culturais.

Portanto, ao analisar as interações linguísticas nas redes sociais, é essencial considerar não apenas os aspectos técnicos e comunicativos mas também as dimensões ideológicas que permeiam essas interações. Compreender como a linguagem é utilizada e interpretada nas redes sociais é fundamental para uma análise crítica das dinâmicas sociais e para o desenvolvimento de estratégias que promovam uma comunicação mais inclusiva e democrática nesses espaços digitais.

1.3 HOMOFOBIA NAS REDES SOCIAIS

A violência é um fenômeno histórico, moldado pela sociedade, como foi descrito na seção anterior, sobre a formação ideológica e seu poder de modelagem na formação discursiva. Os grupos sociais visam competir pelo poder econômico e por muitas outras vantagens que podem ser garantidas quando estão em posições de poder e têm influência sobre os espaços políticos ou socialmente favoráveis; por isso, a violência constitui-se dentro desse espaço histórico-sócio-político-econômico.

Embora disseminada em todos os estratos sociais, certos grupos são mais suscetíveis à violência do que a média da população. Essa vulnerabilidade pode ser atribuída aos preconceitos e às discriminações persistentes enfrentados, os quais podem prejudicar a autonomia da pessoa que é o alvo, já que essas agressões visam destituir a pessoa estigmatizada de sua liberdade e condicioná-la a um espaço de vergonha; acima de tudo, visam manter o controle desse(s) grupo(s), entre os quais estão as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários, conhecidos como LGBTQIAPN+; para os crimes que vitimam essas pessoas, foi dado o nome de *LGBTfobia*, que é o ódio excessivo e a repulsa por pessoas dessa comunidade.

Os meios de comunicação de massa passaram a exercer uma influência significativa sobre o pensamento das sociedades ao elaborar discursos impregnados de diversas estratégias simbólicas e métodos de operação frequentemente motivados por diferentes ideologias políticas, culturais e econômicas (Hjarvard, 2012). Para além disso, percebeu-se

uma facilidade de disseminação dos discursos, sua internalização e, conseqüentemente, a naturalização deles, como é o caso da onda das *fake news*⁷, que, de acordo com a pesquisa feita em 2018 pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), “(...) o fato é que, sejam chamados de *fake news* ou de desinformação, os conteúdos mentirosos têm 70% mais chance de ser compartilhados do que os verdadeiros”⁸.

O Instagram, fundado em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, é uma plataforma de mídia social dedicada ao compartilhamento de fotos, vídeos e mensagens. Ele oferece a capacidade de aplicar filtros digitais às imagens e compartilhá-las em várias outras redes sociais. O capitalismo faz-se presente nessas plataformas porque a quantidade de visualizações pode chegar a milhões rapidamente e, com isso, as pessoas podem cobrar para postar um vídeo ou foto referente à marca que está patrocinando o vídeo ou a foto; a esse tipo de publicidade foi dado o nome “publi”.

Inevitavelmente, nos últimos anos, tem havido um aumento significativo nos crimes de discurso de ódio na internet, os crimes cibernéticos, como racismo, cyberbullying⁹, homofobia, misoginia, transfobia etc.; além disso, as falsas informações também tomaram proporções gigantescas, graças a pouca efetividade das punições por crimes cibernéticos, especialmente contra grupos LGBTQIAPN+.

Dito isto, o discurso de ódio online afeta profundamente a vida das pessoas LGBTQIAPN+ e pode causar danos emocionais, psicológicos e físicos. Embora o Brasil careça de levantamentos oficiais sobre LGBTfobia, dados de organizações como o Grupo Gay da Bahia e a Associação Nacional de Travestis e Transexuais revelam a gravidade da situação, com uma média de uma pessoa LGBTQIAPN+ morta a cada 34 horas em 2022¹⁰.

Por isso, este artigo busca, por meio de uma análise pragmático-discursiva de trinta e cinco comentários obtidos de páginas informativas da rede social Instagram em 2023, compreender, a partir de uma formação ideológica, que molda o pensamento coletivo da

⁷ O termo vem do inglês *fake* (falsa/falso) e *news* (notícias). Dessa forma, em português, a palavra significa *notícias falsas*. Apesar de ter se destacado recentemente, a expressão é bem mais antiga e data do final do século XIX. *Fake News* são as informações falsas que viralizam entre a população como se fossem verdades. Atualmente, elas estão, principalmente, relacionadas às redes sociais. **Fonte:** Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-sao-fake-news>. Acesso em: mar. 2024.

⁸ Study: On Twitter, false news travels faster than true stories (Estudo: No Twitter, notícias falsas viajam mais rápido que histórias verdadeiras). **Fonte:** Disponível em: <https://news.mit.edu/2018/study-twitter-false-news-travels-faster-true-stories-0308>. Acesso em: mar. 2024.

⁹ Cyberbullying é a prática de agressões, assédio, intimidação e humilhação por meio de tecnologias digitais, como redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas de jogos, com a intenção de ferir outra pessoa ou grupo.

¹⁰ ONG contabiliza 257 mortes violentas de LGBTQIA+ em 2023, Grupo Gay da Bahia cobra produção oficial de dados. **Fonte:** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-01/brasil-e-o-pais-mais-homotransfobico-do-mundo-diz-grupo-gay-da-bahia#>. Acesso em: jan. 2024.

sociedade sobre algo ou alguém, como essa ideologia coletiva excludente modelará as formações discursivas do povo e das suas instituições e como essas formações permeiam todos os âmbitos da sociedade, ao vivo, como as agressões físicas e verbais sofridas por homens e mulheres LGBTQIAPN+, ou online, a exemplo das agressões psicológicas disfarçadas de opinião ou de “liberdade de expressão” na internet.

A pesquisa na rede social Instagram foi escolhida pela possibilidade de opiniões e discursos “diferentes”, mas que, na verdade, carregam em seu âmago uma formação discursiva homogênea, que é a do preconceito estrutural, que visa à naturalização dos abusos aos corpos alheios e à demonização de tudo que foge ao padrão socialmente aceito por uma sociedade que é racista, homofóbica, misógina, etarista, xenofóbica e estigmatiza tudo o que difere do hetero-eurocentrismo¹¹. Na próxima seção, será brevemente abordada a teoria das molduras, de Gregory Bateson (1972), que será essencial para a análise do *corpus*.

2 GREGORY BATESON: A TEORIA DAS MOLDURAS

A teoria das molduras ou enquadres, desenvolvida por Gregory Bateson (1972), reza que nenhum enunciado do discurso pode ser compreendido sem uma referência ao contexto. Este conceito enfatiza que tanto os enunciados quanto as ações devem ser interpretados dentro de um contexto específico, cujas comunicações ocorrem em um nível distinto do da linguagem objetiva¹², como afirmado por Bateson (1972).

Mas afinal o que são os enquadres? Bateson define os enquadres como o conjunto de instruções necessárias para que os participantes possam entender uma determinada mensagem; aqui Bateson faz uma analogia com a moldura de um quadro; esta serve para destacar e delimitar a obra de arte dentro dela a fim de proporcionar um contexto visual claro para o observador. Assim como uma borda em torno de uma pintura, ela define o que é relevante para análise e exclui o que está além de seus limites. A teoria das molduras, portanto, é essencial para o entendimento de certos enquadres sociais, do porquê de não existir uma fala sem intenção ou um posicionamento neutro, visto que há sempre um recorte, uma delimitação ou, como Bateson conceitua, um enquadre¹³.

¹¹ Indicações de leitura: NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo* (2019). PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista* (2023).

¹² Por isso, essas comunicações são chamadas de *metacomunicações* e ficam implícitas na linguagem verbal. Birdwhistell (1967) afirmou que, em interações verbais, menos de 35% do significado social é comunicado através de componentes verbais, enquanto mais de 65% são transmitidos por meio de canais não verbais.

¹³ Segundo Tannen (1987, p. 75),

(...) esquemas (...) servem para enquadrar nosso modo de falar, através de metagensagens, sobre o que pensamos que está acontecendo, o que estamos



A teoria das molduras nesta pesquisa toma o meio digital, as redes sociais e os comentários disseminados nesses ambientes como objetos de estudo, já que é preciso entender os enquadres, as molduras do meio digital para possibilitar uma análise mais precisa e que leve em consideração as questões sociais.

O mesmo evento acontece em interações presenciais, a mudança de enquadre não necessariamente ocasiona a mudança de assunto; por exemplo, duas pessoas podem conversar sobre o mesmo assunto, mas o enquadre pode ou não ser o mesmo, uma pessoa pode gostar do assunto e por isso suas metamensagens, seus implícitos deixarão mais ou menos claro seu contentamento, ao passo que a outra pode não concordar. Entretanto, a pessoa que não gosta do tema da conversa pode comentar sobre ele com implícitos que também deixarão claro seu desinteresse ou sua raiva em relação ao que está sendo debatido – e as metamensagens se encarregam de dizer ou complementar o que não está sendo dito na mensagem verbal.

Atualmente, há uma tentativa, que muitas vezes é concretizada, de mascarar um comentário danoso como simples opinião individual. E como foi comentado nas seções anteriores sobre linguagem e ideologia, a individualidade discursiva pode ser entendida como a maneira distinta de alguém falar, mas não diz sobre seu pensamento único e livre de recortes sociais, já que a fala de uma comunidade é carregada de ideologias que moldam a linguagem do coletivo e de pessoas dentro de estruturas sociais. Ou seja, não há um pensamento adâmico ou uma opinião sem preconceitos, as línguas não são neutras e são sempre atravessadas por processos de poder, como os próprios sujeitos (Nascimento, 2019).

3 ANÁLISE DOS DADOS

Foram selecionados trinta e cinco comentários para compor o corpus a ser analisado; esses comentários foram divididos em três grupos de enquadres: o primeiro refere-se ao enquadre *religioso*; assim, todos os comentários que carregam o recorte religioso para, de alguma maneira implícita, deixar sua opinião, serão alocados nesse grupo; o segundo grupo remete ao enquadre *desinformação*; todos os comentários contidos nesse grupo contam com um certo nível de desinformação que pode contribuir para a perpetuação da homofobia nas redes sociais por meio da naturalização do comentário sem fundamento científico ou respaldado nas leis que regem a sociedade; o terceiro e último diz respeito ao

fazendo quando dizemos algo e nossas atitudes em relação ao que falamos e frente às pessoas para as quais falamos. (...) Sinais sutis como (...) tom de voz, entonação e expressão facial trabalham junto com as palavras que dizemos, para enquadrar cada modo de falar como sério, de brincadeira, caçador, aborrecido, polido, rude, irônico e assim por diante. Essas pequenas e passageiras molduras refletem e criam a moldura maior que identifica as atividades que estão acontecendo. (...)

enquadre *redirecionado*; os comentários selecionados para esse grupo são os que, de alguma forma, tentam reenquadrar¹⁴ sua opinião danosa para que ela seja “aceita” e validada nos meios digitais como algo normal, ou apenas uma opinião sem intenções – e, como foi visto na seção que trata de linguagem e ideologia (Fiorin, 1998), não há fala sem intenção.

A seguir, será feita uma análise dos três enquadres definidos acima. Em cada comentário, será explicitada a quantidade de curtidas, porque elas também servem como indicadores de adesão de outros internautas. As três postagens e os respectivos comentários selecionados para fins de leitura estão no anexo. O contexto das postagens será brevemente referido em cada comentário para que se tenha noção do enquadramento deste.

De acordo com a pesquisa desenvolvida com os comentários oriundos da rede social Instagram, percebeu-se que esses três enquadres (grupo 1: quadre religioso; grupo 2: quadre desinformação e grupo 3: quadre redirecionado) podem (ou não) aparecer de forma isolada, como é o caso do quadre religioso, que é mais independente, e por isso não precisa ser complementado com outras informações, ou o caso dos enquadres de desinformação e redirecionamento, mas, no caso desses dois, ambos parecem atuar em conjunto, já que o redirecionamento pode ser feito com qualquer conteúdo presente na publicação, e a desinformação também pode partir de qualquer tema presente ali.

No caso da publicação 1, que trata da bênção aos casais gays, há um comentário que diz: **[sic]** “Na minha época não era assim aviadaram até o papa”, que pode ser entendido como se na época dele não houvesse papas que abençoariam casais gays, ou que na época dele não havia casais gays. Não obstante, não é o que muitas pesquisas históricas indicam; o conceito e o entendimento de homossexualidade é algo recente, mas as ações consideradas homoafetivas não são. Ao longo das análises, percebeu-se o que Goffman (2013) desenvolveu em sua teoria sobre o Estigma, ao mostrar que pessoas que foram estigmatizadas por carregarem uma “marca” não são aceitas pela sociedade, no caso, a homossexualidade ou o direito de relacionamentos homoafetivos. Há uma forte influência desse estigma que reverbera nas formações discursivas de todos os comentários. O enquadramento do grupo 1 contém todos os comentários de cunho religioso ou que usam da religião para justificar comentários homofóbicos, explícitos ou não.

Segundo Fiorin (1998), a linguagem é um veículo de ideologias, e uma das ideologias mais influentes em todo o mundo é a religião, não é por outro motivo que há uma grande recorrência desses comentários religiosos que visam justificar seu argumento enviesado. Seguindo a teoria do Fiorin (1998), as formações discursivas influenciam as formações

¹⁴ “Quando reenquadramos alguém ou uma situação, o que estamos fazendo é ressignificar o que o outro diz ou faz ou toda a situação. Um exemplo bastante evidente de reenquadre são os mal-entendidos, pois o que é dito ou feito é ressignificado de acordo com a má-interpretação dada” (Assad A., 1996).

ideológicas e vice-versa; ambas, por sua vez, são responsáveis pelo que Goffman (2021) chama de *Estigma*; como foi citado acima, os estigmas visam manter e reciclar as estruturas sociais, sem grandes alterações; e na internet, essas estruturas entram em choque umas com as outras, sejam imagens, vídeos ou comentários que fazem parte do material selecionado neste artigo para análise.

Segue mais uma postagem: [sic] “vamos fazer uma festa pra arrecadação de alimentos pra pessoas carentes, um show com cantores da terra sem ofender ninguém com respeito as famílias, o nosso povo tá precisando de alimentos pra por em suas mesas...” Esse comentário foi categorizado como grupo 3: enquadre redirecionado porque há uma tentativa de redirecionamento para outras questões sociais, como a arrecadação de alimentos para pessoas carentes. O comentário traz um tema bastante apelativo e a ordem dos fatores suaviza o redirecionamento; quando posteriormente a pessoa diz “sem ofender ninguém, com respeito às famílias”, isso pode sugerir que a parada gay, que também é um movimento social, seria uma ofensa às famílias. O pronome possessivo “nosso”, dentro das intenções de fala, tem o efeito de aproximar o leitor do tema que está sendo abordado no comentário, ou seja, há uma carga emocional que o levou a ter 140 curtidas.

A seguir, o último comentário da postagem três a ser analisado: [sic] “Afimal “todes” não existe!”; esse comentário foi classificado no enquadre 2: *desinformação*, por se tratar de uma proposição sem fundamento e um tanto contraditória, já que não se pode falar do que não existe; ao verbalizar essa palavra ou escrevê-la, temos a confirmação de que ela existe, e mesmo que a existência dela seja desconfortável para alguns, o intuito da palavra é enquadrar pessoas que não se encaixam no masculino ou no feminino, e aqui não se trata da gramática, mas do social, do direito de um grupo expressivo de se apresentar; o que precisa ser levado em consideração é que a palavra existe, ela não é registrada nos dicionários, mas, assim como as palavras estrangeiras são adicionadas por conta da sua produtividade, o *todes* também tem essa possibilidade, já que a língua serve aos falantes, e o uso dessa palavra tem sido recorrente. *Todes* não é gramatical, é social, embora também não seja neutro; ocorre que discutir esse ponto não é a proposta deste artigo.

Assim percebe-se que a naturalização dos discursos e das ideologias nas redes sociais se dá por meio dos implícitos, pelas metagensagens, que estão além do texto verbal; esse enquadramento pode contribuir para o encaminhamento do comentário adiante, incluído nos grupos de desinformação e redirecionado; estes se valem de conteúdos diversos para disfarçar suas reais intenções, que podem ser de desaprovação ou de um possível comentário danoso, a exemplo de: “Eu iria até comentar, mas não tenho nem advogado”, que deixa, de maneira implícita, o provável conteúdo do que seria dito, que foi evitado por “não se ter um advogado”. Há um redirecionamento do seu conteúdo dado nas entrelinhas o que não foi dito com a linguagem objetiva.

Os três enquadres foram selecionados a partir da análise dos comentários; durante a seleção, percebeu-se uma marcação dos enquadres religiosos, de desinformação e redirecionamento, que, por sua vez, atuam como mensagens implícitas e corroboram a perpetuação dos discursos homofóbicos, que estão carregados de ideologias religiosas e carecem de informações concretas que sustentem o posicionamento excludente ou demonizador de outros membros da sociedade.

CONCLUSÕES

A análise dos trinta e cinco comentários homofóbicos coletados no Instagram evidenciou que os discursos de ódio contra a comunidade LGBTQIAPN+ não se apresentam de forma isolada, mas se articulam em três enquadres recorrentes: religioso, de desinformação e de redirecionamento. Esses enquadres, embora distintos, compartilham a função de reforçar estigmas e naturalizar preconceitos, sustentando-se em ideologias que circulam socialmente e encontram nas redes digitais um ambiente propício para sua amplificação.

À luz de Goffman (2021), observou-se que a homossexualidade e as identidades dissidentes são constantemente marcadas como estigmas, que funcionam como sinais de exclusão e justificam a marginalização desses sujeitos. Fiorin (1998) contribuiu para compreender como a linguagem, na qualidade de veículo de ideologias, mobiliza estratégias discursivas que reproduzem desigualdades e criam uma aparência de normalidade para a homofobia. Já Bateson (1972) possibilitou compreender como os enquadres comunicativos estruturam os sentidos implícitos e permitem que discursos discriminatórios sejam disfarçados de opinião, humor ou preocupação social. A pesquisa, portanto, demonstrou que os comentários analisados não apenas refletem preconceitos individuais mas fazem parte de uma lógica discursiva que sustenta o preconceito estrutural contra pessoas LGBTQIAPN+. O número de curtidas em determinadas mensagens reforça o caráter coletivo e social da validação desses discursos, indicando que tais manifestações não são marginais, mas integradas ao senso comum digital.

Do ponto de vista acadêmico, o estudo contribui ao demonstrar a pertinência da abordagem semântico-pragmática na análise do discurso homofóbico online, visto oferecer uma metodologia capaz de revelar as camadas implícitas de sentido e as estratégias ideológicas que sustentam o preconceito.

As formações discursivas contribuem para a disseminação das ideologias de cunho preconceituoso, que moldam o discurso coletivo e formam os cidadãos. Assim, percebe-se um ciclo entre o discurso e seus implícitos; a ideologia que atua como gás da sociedade, que fortalece os estigmas, posteriormente, absorvidos pela sociedade, também estrutura o entendimento de pertencimento dos grupos. O estigma é uma forma de engessar as

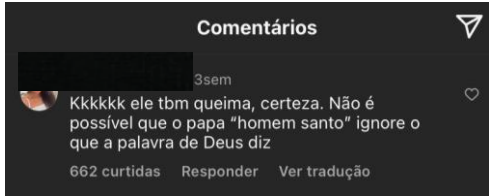
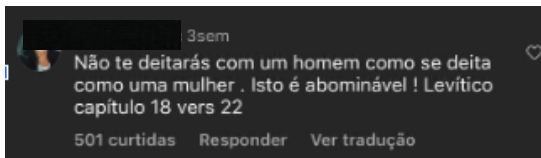
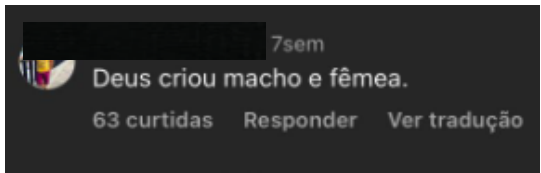
posições sociais, cada sociedade tem seus estigmas, e eles podem ser tão diversos quanto as ideologias.

Para combater a disseminação dos comentários homofóbicos nas redes sociais, que é tida como “terra sem lei”, é preciso aplicar leis que de fato surtam efeito na sociedade e possam mostrar aos seus membros as consequências de um “simples” comentário ou de uma opinião enviesada. Do ponto de vista social, evidencia-se a necessidade urgente de políticas públicas e de mecanismos legais eficazes que regulem e responsabilizem essas redes sociais e combatam tais manifestações de ódio, bem como de ações educativas que promovam a conscientização sobre os efeitos da linguagem no processo de exclusão. Este trabalho reafirma que compreender a homofobia em ambientes digitais é fundamental não apenas para os estudos linguísticos e discursivos mas também para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Como se pode observar, ainda há muito a fazer, como pesquisas mais aprofundadas acerca das formações ideológicas e sua influência na perpetuação da homofobia e de que modo esses comentários podem ser erradicados com o apoio das leis que regem o país. E esse é o propósito para a continuidade desta pesquisa.

ANEXO¹⁵

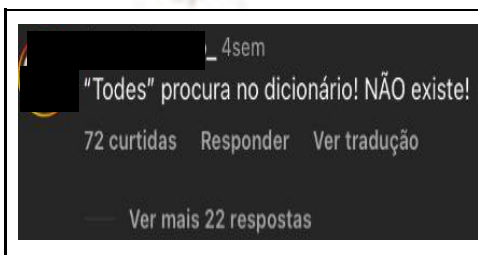
Publicação 1 PETROLINA EM DESTAQUE. [Em decisão histórica, Vaticano autoriza bênção para casais do mesmo sexo em certas circunstâncias]. [Petrolina-PE.], 2023. Instagram: @blogpetrolinaemdestaque. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C1AJOJ9rUQt/?igsh=YTUzdzVkaGdwNm15. Acesso em: mar. 2024.	A primeira publicação selecionada é do ano 2023, da página: “<i>blog petrolina em destaque</i>”, uma página regional do Vale do São Francisco, de Petrolina-PE, que traz uma decisão histórica advinda de uma via religiosa, que é o Vaticano, em que os líderes católicos autorizam a bênção para casais do mesmo sexo (em certas circunstâncias). Há na legenda da publicação uma informação sobre a decisão “ir de encontro à doutrina católica de condenar a união homossexual”. Dito isto, temos o encontro de questões religiosas, sociais, de gênero e legislação, ainda que implícita, já que essa decisão é um reflexo da sociedade que clama por diversos direitos, como o do reconhecimento e da proteção dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+.
--	--

¹⁵ A maioria dos comentários foi retirada do artigo para atender a questões de espaço.

	Será feita aqui uma análise de alguns dos comentários deixados nessa primeira publicação, o número de curtidas foi levado em consideração no momento desta seleção, já que cada curtida é entendida como um indivíduo que concorda com aquele comentário.
	Grupo 1: Enquadre religioso. 662 curtidas.
	Grupo 1: Enquadre religioso. 501 curtidas.
	Grupo 1: Enquadre religioso. 63 curtidas.
Publicação 2 PETROLINA EM DESTAQUE. [Petrolina se prepara para a 5ª edição da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ este mês]. [Petrolina-PE.], 2023. Instagram: @blogpetrolinaemdestaque. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzycAkUr19X/?igsh=bXF2dmQ5cTMwZGh3. Acesso em: mar. 2024.	Na segunda publicação, foi informado que Petrolina-PE se preparava para a quinta (5.^a) edição da parada do orgulho LGBTQIAPN+. A celebração do Dia do Orgulho LGBT acontece todos os anos em 28 de junho, tendo sua origem ligada a um evento histórico de grande impacto ocorrido em 1969, denominado Revolta de Stonewall¹⁶. O intuito da publicação é informar o evento social que aconteceu na cidade no ano de 2023.

¹⁶ A revolta de Stonewall deu origem ao movimento atual pelos direitos LGBTQ+ [Observação: a sigla atualizada é LGBTQIAPN+] **Fonte:** Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2021/06/gay-lgbt-revolta-de-stonewall-movimento-atual-pelos-direitos-lgbtqia>. Acesso em: mar. 2024.

	Grupo 3: Enquadre redirecionado. 95 curtidas.
	Grupo 2: Enquadre desinformação. 17 curtidas.
	Grupo 2: Enquadre desinformação. 6 curtidas.
	Grupo 2: Enquadre desinformação. Grupo 3: Enquadre redirecionado. 137 curtidas.
Publicação 3 O povo. [Câmara aprova projeto que proíbe uso de “todes” em comunicações de órgãos públicos]. [Fortaleza-CE], 2023. Instagram: @opovoonline. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C0m5VyGpZ5C/?igsh=OG1qeTdhNnYybjE0. Acesso em: mar. 2024.	Na terceira e última publicação, foi informado que a Câmara aprovou o projeto que proíbe o uso de “todes” em comunicações de órgãos públicos (no intuito de facilitar a comunicação).
	Grupo 2: Enquadre desinformação. 4 curtidas.
	Grupo 2: Enquadre desinformação. 2 curtidas.

 4sem "Todes" procura no dicionário! NÃO existe! 72 curtidas Responder Ver tradução Ver mais 22 respostas	Grupo 2: Enquadre desinformação. Grupo 3: Enquadre redirecionado. 72 curtidas.
---	---

REFERÊNCIAS

- ASSAD, C. A. **O Jogo da Linguagem e a Construção do Sentido**. Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 159 Fls. 1996. Não publicado.
- BATESON, G. **A theory of play and fantasy**. Steps to an Ecology of Mind. New York: Ballantines Books, 177-196. 1972.
- BIRDWHISTELL, R. L. Some body motion elements accompanying spoken American English. In: THAYER, I. (Ed.) **Communication: Concepts and perspectives**. Washington, DC: Spartan Books, 1967.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.
- CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 1986.
- DUCROT, O. **Princípios de Semântica Linguística (dizer e não dizer)**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. Ética: São Paulo, 1998.
- GOFFMAN, E. **Frame analysis**. N.Y.: Harper and Row, 1974.
- GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4. ed. São Paulo: Editora LTC, 2021.
- HJARVARD, S. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Nordicom Review**, v. 29, n. 2, p. 105-134, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38327>. Acesso em 05/03/2024.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A Coerência Textual**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- KOCH, I. V. **A Inter-ação pela Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2009 [2000].



LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

NASCIMENTO, G. **Racismo Linguístico**: Os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PINHEIRO, B. C. S. **Como Ser um Educador Antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

TANNEN, D. **That's not what i meant!** How conversational style makes or breaks relationships. Nova York: Ballantine Books, 1986.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interactive Frames and Knowledge Schemas in Interaction: Examples from a Medical Interview. **Social Psychology Quarterly**, [S. l.], n. 50, v. 2, p. 205-216, 1987.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1967.

Título em inglês

ANALYSIS OF HOMOPHOBIC DISCOURSE ON INSTAGRAM PAGES FROM A SEMANTIC-PRAGMATIC PERSPECTIVE